

PROJETO DE LEITURA ESCOLAR

MANU: ENTRE DOIS MUNDOS

Escolhas, pertencimento, natureza, aventura, território e diversidade cultural

“Algumas viagens mudam o lugar onde você está. Outras mudam quem você é.”

Proposta interdisciplinar para 9º ano do Ensino Fundamental e Ensino Médio

Rodolfo Andrade

Autor • Professor de escalada esportiva • Empreendedor nos ramos esportivo, turístico e gastronômico

Apresentação

Manu: Entre Dois Mundos, de Rodolfo Andrade, é um romance juvenil de formação indicado para leitores de 14 a 22 anos. A obra convida estudantes a refletir sobre identidade, escolhas profissionais, relações familiares, pertencimento, natureza e saúde emocional a partir da travessia de um jovem de 17 anos entre São Paulo e a Serra do Cipó, em Minas Gerais.

Esta proposta transforma a leitura em uma experiência pedagógica interdisciplinar. A escola recebe não apenas um livro: recebe um percurso de debate, escrita, pesquisa, produção cultural, educação ambiental e vivências orientadas de aventura, adaptável à carga horária e à realidade de cada turma.

Resumo da obra

Manu cresceu cercado por conforto e expectativas, sem nunca alcançar clareza sobre quem realmente era. Um convite para praticar escalada o leva à Serra do Cipó e ao Tabuleiro, em Minas Gerais. Entre rochas, trilhas, cachoeiras e o silêncio da floresta, ele conhece a comunidade fictícia Lumaraká e se depara com modos de viver que desafiam tudo o que aprendeu na cidade.

Entre o fim de um relacionamento, o amor por Yndaiá, os conflitos com o pai e a pressão de escolher uma profissão, Manu enfrenta situações-limite e passa a questionar o valor de uma vida guiada apenas por consumo, status e expectativas externas. Sua jornada não entrega uma resposta pronta: apresenta o amadurecimento como processo, escuta e responsabilidade.

Objetivos pedagógicos

- Desenvolver leitura literária, argumentação, escuta e produção autoral.
- Promover reflexão sobre projeto de vida, vestibular, escolha profissional e pressões sociais na juventude.
- Trabalhar vínculos, consentimento, respeito, autocuidado e tomada de decisões em relacionamentos.
- Discutir prevenção do uso de álcool, pressão de pares e construção de redes de apoio.
- Promover acolhimento, escuta, pertencimento e busca responsável de ajuda em saúde mental.
- Reconhecer diversidade dos povos indígenas, direitos, autoria e presença contemporânea em áreas rurais e urbanas.
- Relacionar literatura, território, relevo, biodiversidade e responsabilidade ambiental.
- Trabalhar noções de planejamento, risco, cooperação e ética em atividades de aventura.

Estrutura sugerida

Etapa	Tempo	Foco
1. Antes da leitura	1 aula	Expectativas, escolhas, cidade e natureza.
2. Leitura guiada	2 a 4 semanas	Capítulos, diário de leitura e rodas de conversa.
3. Saúde e relações	2 a 3 aulas	Álcool, pressão de pares, vínculos, consentimento e prevenção.
4. Saúde mental e acolhimento	1 a 2 aulas	Pertencimento, escuta, rede de apoio e busca de ajuda.
5. Povos indígenas e território	3 a 5 aulas	Diversidade, direitos, cidades, alimentação e conflitos ambientais.
6. Geografia e História	2 a 4 aulas	Espinhaço, Serra do Cipó, Luzia, território e fontes.
7. Aventura segura	1 a 3 aulas	Planejamento, orientação, equipamentos e gestão de risco.
8. Produção autoral	2 a 4 aulas	Cartas, podcast, zine, mapa ou debate encenado.
9. Culminância	1 aula ou evento	Mostra escolar, apresentação dos alunos e conversa com o autor.

Atividades de leitura e escrita

1. Diário de travessia de Manu. A cada bloco de capítulos, os estudantes registram o que Manu sente, o que ele ainda não consegue nomear e quais expectativas passam a pesar sobre suas escolhas.

2. Mapa da transformação. Em grupos, os alunos criam uma linha do tempo da jornada de Manu, do cotidiano em São Paulo à experiência na Serra do Cipó e ao retorno à cidade. Em cada etapa, indicam uma crença que se rompe ou uma pergunta que nasce.

3. Carta que nunca foi enviada. Produção de uma carta de Manu para o pai, para Carla, para Yndaiá ou para si mesmo. A atividade explora ponto de vista, empatia e conflito familiar.

4. Tribunal das escolhas. Júri literário sobre decisões do protagonista: seguir Arquitetura, lidar com o pai, voltar à serra, enfrentar a pressão social ou procurar ajuda. A regra é sustentar argumentos com passagens do livro.

5. O que tem preço? O que tem valor? Mural coletivo que diferencia bens materiais de valores como cuidado, pertencimento, saúde, liberdade, afeto e natureza. O fechamento é uma reflexão individual: “O que eu não quero perder no caminho?”

Leitura, escolhas e transformação

6. O mapa “O que tem preço? O que tem valor?” Construa um mural com duas colunas: “*Pode ter preço*” e “*Tem valor, mas não cabe em um preço*”. A turma inclui exemplos — equipamentos, cursos, celulares e viagens de um lado; saúde, presença, amizade, confiança, liberdade, tempo, natureza e pertencimento do outro. Em seguida, discute o que Manu passa a perceber que não pode comprar.

Produção individual: “O que eu não quero perder no caminho para conquistar meu futuro?”

7. Pressões que influenciam os jovens. Pergunta-motriz: “**Qual é a pressão que mais influencia as escolhas dos jovens hoje?**” Em post-its anônimos, os estudantes indicam pressões percebidas: vestibular, família, estabilidade financeira, redes sociais, aparência, relacionamentos, pertencimento, medo de decepcionar ou medo de fracassar. A turma agrupa as respostas e debate as três mais recorrentes.

Fechamento: criação de um “Guia de apoio entre estudantes”, com mensagens práticas como: “Você pode não saber ainda”; “Mudar de ideia também é amadurecer”; “Pedir orientação é uma forma de coragem”.

8. Qual crença de Manu começa a ruir aqui? Em uma linha do tempo, os grupos registram acontecimentos e crenças que entram em crise.

Momento	Crença que pode ruir
Vida em São Paulo	Ter condições materiais é suficiente para estar bem.
Conflito com o pai	Preciso me encaixar para ser respeitado.
Relação com Carla	Preciso do outro para me sentir inteiro.
Escalada e serra	Eu controlo tudo se me esforçar bastante.
Conflito ambiental	Progresso sempre justifica qualquer impacto.
Retorno à faculdade	Escolher uma profissão resolve quem eu sou.
Internação	Ter respostas prontas é sinal de equilíbrio.

Fechamento: “Por que essa crença precisava ruir? O que poderia nascer no lugar dela?”

Vestibular: escolha pessoal ou pressão social?

9. Debate regrado. Divida a turma em quatro grupos: “a escolha deve priorizar desejo e afinidade”; “a escolha deve considerar estabilidade e realidade financeira”; “a família deve participar ativamente da decisão”; “a decisão precisa ser construída de forma gradual, com possibilidade de mudança”. Cada grupo prepara argumentos, exemplos e uma pergunta para os demais.

Pergunta central: “O vestibular é uma escolha pessoal ou uma decisão atravessada por pressões sociais?”

Perguntas de aprofundamento:

- Quais expectativas familiares aparecem na história de Manu?
- A escolha por Arquitetura parece desejo, dever ou tentativa de pertencimento?
- Que fatores sociais influenciam uma escolha profissional?
- É possível mudar de curso ou profissão sem considerar isso um fracasso?
- Como uma escola pode apoiar a decisão sem transformar o vestibular em ameaça?

Produto final: texto curto intitulado “Minha escolha não precisa estar pronta”, com três critérios pessoais para pensar o futuro e uma rede de apoio que poderia ajudar na decisão.

Álcool, relações e escolhas seguras

No retorno à cidade, Manu se aproxima de festas e do álcool como tentativa de pertencimento e anestesia de um desconforto que ainda não consegue nomear. Esta parte da narrativa oferece uma oportunidade de prevenção baseada em diálogo, informação e acolhimento — não em medo, exposição individual ou moralismo. O consumo de álcool na adolescência pode prejudicar o desenvolvimento saudável e aumentar riscos de comportamentos prejudiciais e de problemas relacionados ao álcool mais tarde. Para menores de 18 anos, a orientação de saúde é não consumir álcool.

10. Roda de conversa: “Pertencer sem se perder”. A turma analisa situações fictícias de festa, amizade e pressão de grupo: alguém insiste para que um colega beba; uma pessoa não quer beber, mas teme exclusão; um amigo precisa de ajuda para voltar para casa. A discussão trabalha frases de recusa, apoio entre pares, cuidado com amigos e busca de ajuda de adultos responsáveis.

11. Mitos e escolhas. Em grupos, os estudantes identificam mitos comuns — por exemplo, “todo mundo bebe”, “beber faz alguém ficar mais interessante” ou “álcool resolve timidez” — e constroem respostas baseadas em autonomia, saúde e segurança.

12. Rede de cuidado. A turma elabora um mapa de pessoas e serviços de apoio: família ou responsáveis, orientador educacional, professor de confiança, unidade de saúde, serviços de emergência e canais locais da escola. Nenhum aluno precisa revelar experiências pessoais.

13. Relações afetivas e primeiras experiências sexuais. A atividade aborda primeiras relações e decisões íntimas a partir de respeito, consentimento, comunicação, limites, proteção e responsabilidade compartilhada. O foco não é incentivar ou constranger estudantes, mas reconhecer que cada pessoa tem seu ritmo, o direito de dizer “não”, de mudar de ideia e de buscar informação confiável.

14. Cartas de conselho fictícias. Em duplas, estudantes respondem a uma carta fictícia de um jovem que sente pressão para beber, “ficar” ou iniciar uma relação sexual. A resposta deve ser acolhedora, sem julgamento, e incluir autonomia, consentimento, respeito, cuidado, proteção e procura de um adulto ou serviço de saúde quando necessário.

Saúde mental, pertencimento e escuta

A trajetória de Manu permite discutir sensação de não pertencimento, conflitos familiares, isolamento, pressão social, álcool e busca por significado. O livro não deve ser usado para diagnosticar Manu ou estudantes. Surto psicótico não é rebeldia, falta de contato com a natureza, “despertar espiritual” ou falta de força de vontade. Experiências de crise podem ter causas múltiplas e exigem avaliação profissional.

Quando alguém está muito confuso, angustiado, isolado, assustado, sem conseguir organizar pensamentos ou percebendo a realidade de maneira muito diferente do habitual, a resposta responsável é acolhimento, segurança e busca de ajuda profissional. A escola pode fortalecer pertencimento e escuta, mas rodas de conversa, contato respeitoso com a natureza, contemplação, meditação ou práticas de atenção plena não substituem psicólogo, psiquiatra, UBS, CAPS/CAPSij ou atendimento de urgência em uma crise.

15. Roda de acolhimento: “O que significa pertencer?” Objetivo: refletir sobre identidade, diferença, exclusão e escuta sem exigir relatos pessoais.

16. Fogueira simbólica: escuta sem álcool. Sem usar fogo real, organize um círculo com luz central, lanternas ou uma imagem de fogueira. Cada estudante pode falar, escrever anonimamente ou apenas escutar diante de perguntas como: “O que me ajuda a voltar para mim quando tudo parece confuso?”; “Que conversa faz uma pessoa se sentir ouvida?”; “Como estar com amigos sem precisar provar nada?”

17. Pausa, contemplação e atenção. Prática opcional de três a cinco minutos, conduzida por educador preparado: perceber os pés apoiados, respirar naturalmente, notar três sons do ambiente e observar uma sensação corporal neutra. Ninguém precisa fechar os olhos.

18. Mapa de apoio: “Quem me ajuda a atravessar?” Os estudantes criam um mapa genérico de rede de apoio: pessoas de confiança, família ou responsáveis, amigos que sabem ouvir, professores, orientação educacional, psicologia escolar, UBS, CAPS/CAPSij e serviços de emergência.

Atenção: sofrimento psíquico, confusão intensa, isolamento acentuado, alterações marcantes de comportamento, medo extremo, pensamentos desorganizados ou percepções incomuns não devem ser interpretados pela escola como “rebeldia”, falha moral ou sinal de espiritualidade. A escola deve acolher sem julgamento, comunicar responsáveis conforme protocolos e encaminhar para avaliação em saúde.

Povos indígenas: diversidade, direitos e presente

O Brasil é formado por muitos povos indígenas, com línguas, histórias, formas de organização e relações com territórios distintas. Eles vivem em todos os biomas e regiões do país: Amazônia, Cerrado, Caatinga, Mata Atlântica, Pantanal, Pampa e áreas costeiras. Não existe uma única “cultura indígena”.

É fundamental desmontar a ideia de que pessoas indígenas vivem apenas em aldeias ou pertencem ao passado. Segundo o Censo 2022, 914.746 indígenas — 53,97% da população indígena brasileira — viviam em áreas urbanas, enquanto 780.090 viviam em áreas rurais. Ser indígena na cidade não diminui identidade, pertencimento ou direitos.

Antes da Constituição de 1988, indígenas foram submetidos a um regime de tutela e à lógica de assimilação. A Constituição de 1988 reconheceu suas organizações sociais, costumes, línguas, crenças, tradições e os direitos originários às terras tradicionalmente ocupadas, atribuindo à União o dever de demarcar, proteger e fazer respeitar seus bens.

19. Mapa dos povos e biomas. Divida a turma por regiões brasileiras. Cada grupo pesquisa povos indígenas da região, biomas, línguas, produções artísticas, autores, lideranças, experiências urbanas e desafios territoriais. Usar fontes indígenas e institucionais confiáveis.

Produto: mapa mural “Povos indígenas: presença viva em todo o Brasil”.

20. Indígenas nas cidades. Investigação: “Como pessoas indígenas vivem, estudam, trabalham, produzem arte, defendem direitos e mantêm vínculos comunitários no contexto urbano?” Pesquisar coletivos urbanos, literatura, cinema, música, universidades, movimentos de mulheres indígenas e iniciativas de educação, saúde ou empreendedorismo.

Debate: “Por que aparência, endereço ou uso de tecnologia não definem se alguém é indígena?”

21. Linha do tempo: tutela, resistência e direitos. Construir uma linha do tempo com violência e resistências desde o período colonial; expulsões, massacres e perdas territoriais em diferentes regiões; políticas de tutela e assimilação; mobilização indígena na Constituinte; Constituição de 1988; demarcação, educação escolar indígena, produção literária, arte e presença política contemporânea. Evitar uma história apenas de dor: incluir sobrevivência, criação, ciência, arte, liderança e conquistas.

Território, água, alimento e conflitos

A proteção territorial é central para a continuidade de modos de vida, línguas, memórias e sistemas de cuidado ambiental. O projeto pode discutir, com fontes confiáveis e casos contextualizados, tensões entre expansão de pecuária, cana, soja e outras monoculturas; abertura de pasto; mineração ou garimpo; poluição dos rios; conservação da biodiversidade; água limpa; alimento; saúde e direitos territoriais.

A proposta não é tratar agricultura ou pecuária como inimigas absolutas. A pergunta pedagógica é: **“Quais modelos de produção, fiscalização, reparação e uso do território podem garantir alimento, renda, água limpa, floresta em pé e respeito aos direitos indígenas?”**

22. Debate: quem decide sobre um território? Simulação de audiência pública sobre um território tradicionalmente ocupado, ameaçado por garimpo, mineração, pecuária ou expansão agrícola. Papéis: comunidade indígena, jovens indígenas, agricultores familiares, empresa de mineração, pecuaristas, pesquisadores, poder público, defensores ambientais, jornalistas e moradores da região.

Perguntas: quais impactos recaem sobre água, floresta, alimentação e saúde? Quem assume danos e custos? Quais direitos estão envolvidos? Que alternativas existem? Como garantir participação real das comunidades afetadas?

23. Rios que alimentam. A turma investiga o papel de rios, nascentes, matas ciliares e pesca na alimentação e na vida das comunidades. Produzir mapa da bacia hidrográfica local, identificar possíveis fontes de poluição e criar campanha de proteção de nascentes e descarte adequado de resíduos. Debater como o garimpo pode contaminar rios, inclusive por mercúrio, e afetar ecossistemas e populações.

24. Agrofloresta: alimento e floresta juntos. A agrofloresta pode ser apresentada como sistema que combina árvores, alimentos e diversidade. A turma planeja uma pequena horta-agrofloresta, mesmo em vasos: observa sombra, água, solo, espécies adequadas ao clima e ciclos de plantio; cria diário de observação; discute como diversidade de plantas pode favorecer solo, insetos, alimentos e resiliência.

Nota: não afirmar que toda agrofloresta é automaticamente indígena. Apresentá-la como prática contemporânea que pode dialogar com conhecimentos tradicionais e agroecologia, respeitando diferentes origens e contextos.

25. Cozinha, memória e cuidado. Oficina sobre alimentação, território e memória, preferencialmente com participação remunerada de cozinheiro(a), agricultor(a), pesquisador(a) ou representante indígena. Temas possíveis: mandioca, milho, frutos nativos, sementes, alimentos regionais, conservação de rios e matas, sazonalidade e cadeias produtivas justas. Consultar previamente o convidado sobre o que pode ser compartilhado e creditar autoria de receitas e saberes.

26. Carta de compromisso da escola. A turma redige ações práticas: não reproduzir estereótipos ou piadas racistas; valorizar autores e fontes indígenas; proteger água, áreas verdes e biodiversidade; questionar produtos associados a desmatamento ilegal; apoiar convivência respeitosa e dar espaço a escuta e protagonismo indígena.

Aprender com respeito

Aprender com povos indígenas não significa copiar rituais, grafismos, objetos, cantos ou práticas sagradas. Significa reconhecer autoria, escutar fontes indígenas, respeitar diferenças entre povos, apoiar direitos territoriais e valorizar conhecimentos produzidos por pessoas indígenas no presente.

A comunidade Lumaraká é fictícia. Ao trabalhar o livro, recomenda-se deixar claro que não representa um povo indígena específico. Para ampliar repertório, a escola pode incluir autores, intelectuais e produções indígenas contemporâneas, valorizando a diversidade de povos, línguas e experiências, sem reduzir identidades indígenas a imagens genéricas de passado ou espiritualidade.

Escalada, trilhas e aventura responsável

A escalada aparece em *Manu* como prática que exige presença, cooperação e reconhecimento de limites. Na escola, esse eixo deve ser educativo e seguro: não se trata de ensinar técnicas práticas de escalada, sobrevivência ou conduzir alunos a ambientes de risco. Qualquer atividade externa exige profissionais habilitados, autorização das famílias, avaliação do local, equipamentos apropriados e plano de emergência.

27. O planejamento de uma aventura. Em equipes, os estudantes recebem um cenário fictício de trilha de um dia. Montam um plano de saída: objetivo, previsão do tempo, hidratação, alimentação, roupas, proteção solar, comunicação, horários, responsáveis e plano de retorno.

28. Equipamento não é enfeite. Pesquisa guiada sobre a função — sem instruir uso técnico — de capacete, cadeirinha, corda, mosquetão, sistema de segurança, calçado, mochila, lanterna, kit de primeiros socorros, capa de chuva, mapa e bússola.

29. Navegação e orientação. Com mapa simples da escola ou bairro, os alunos trabalham legenda, escala, pontos cardeais e referências visuais. A atividade pode terminar com uma caça ao tesouro em área delimitada e supervisionada.

30. Travessias e ética ambiental. Análise de uma travessia fictícia: respeitar ritmo do grupo, não deixar resíduos, evitar atalhos, comunicar mudanças de rota, respeitar áreas protegidas e decidir quando retornar.

31. Sobrevivência responsável: prevenir. Discussão sobre informar roteiro, não sair sozinho, respeitar alertas climáticos, levar meios de comunicação e acionar resgate em emergências.

32. Oficina “Não deixe rastros”. Criação de código de conduta para trilhas: planejar, permanecer em caminhos permitidos, levar o lixo, não alimentar animais, não retirar elementos naturais e respeitar comunidades locais.

Geografia: Cordilheira do Espinhaço

A Serra do Cipó e a região de Tabuleiro se inserem no contexto da **Cordilheira do Espinhaço**, extensa cadeia de serras que atravessa Minas Gerais e se prolonga em direção à Bahia. Essa paisagem reúne montanhas, paredões rochosos, vales, rios, cachoeiras e campos rupestres. No livro, ela deixa de ser apenas cenário: condiciona deslocamentos, práticas de aventura, modos de vida e debates sobre conservação.

33. Mapa da travessia. Em equipes, estudantes produzem mapa temático localizando Cordilheira do Espinhaço, Serra do Cipó, região de Tabuleiro, cursos d'água, relevo, áreas protegidas, turismo de natureza e ameaças como queimadas, lixo, mineração, desmatamento ou ocupação desordenada.

34. Paisagem em camadas. A partir de fotografias, mapas ou descrições literárias, a turma identifica elementos naturais e humanos: rochas, campos rupestres, rios, trilhas, estradas, moradias, turismo e atividades econômicas. Depois, discute como uma mudança em uma camada afeta as outras.

35. Debate geográfico: recurso, patrimônio ou ambos? Pergunta: “Uma paisagem natural deve ser vista como recurso econômico, patrimônio coletivo ou ambos?”

36. Rota da água. Os alunos investigam de onde vem a água consumida pela escola ou bairro, para onde ela vai após o uso e como a cobertura vegetal, o relevo e as nascentes influenciam essa trajetória.

História: Luzia, arqueologia e imaginação

A história de *Manu* pode abrir uma investigação sobre ocupações humanas antigas no atual território brasileiro. Luzia é o nome dado a vestígios humanos encontrados no sítio arqueológico Lapa Vermelha IV, na região de Lagoa Santa, Minas Gerais. Ela não foi encontrada na Serra do Cipó nem em Tabuleiro. Os vestígios foram localizados por uma expedição franco-brasileira na década de 1970 e são datados de aproximadamente 11,5 mil anos.

A comunidade Lumaraká é **fictícia**. Ela não representa Luzia, um povo indígena atual ou uma etnia específica. Sua criação foi inspirada pela força simbólica da ancestralidade presente em Minas Gerais e pelas perguntas que surgem a partir de Luzia e de antigos vestígios humanos encontrados em Lagoa Santa. O livro não afirma continuidade literal entre Lumaraká e um grupo histórico específico.

37. Arqueologia, ciência e imaginação. A turma se divide em três frentes: arqueólogos investigam o que fósseis e sítios podem — e não podem — contar; historiadores organizam uma linha do tempo de Lagoa Santa e das fontes disponíveis; escritores criam uma carta, cena ou podcast de ficção sobre memória e território, deixando claro que se trata de invenção literária.

Grupo	Pergunta de trabalho	Produto
Arqueólogos	O que fósseis e sítios arqueológicos podem nos contar — e o que não podem?	Linha do tempo de Lagoa Santa.
Historiadores	Como construímos conhecimento sobre povos que viveram há milhares de anos?	Painel de fontes e evidências.
Escritores	Como criar uma comunidade fictícia com respeito, sem transformar povos reais em estereótipos?	Carta, roteiro ou cena ficcional.

38. E se essa memória ainda estivesse viva? Produção de narrativa, carta ou roteiro de podcast respondendo: “Como seria uma comunidade contemporânea que preservasse relação profunda com terra, água, animais e memória de antepassados?”

39. Linha do tempo: passado profundo e presente vivo. Painel conectando Luzia e Lagoa Santa, diversidade dos povos indígenas no presente, história da Serra do Cipó, atividades econômicas, áreas protegidas e desafios contemporâneos de conservação.

Atividades ambientais: onça-pintada e conectividade

A onça-pintada é apresentada no livro como símbolo de força e escuta da floresta. Na realidade, grandes felinos precisam de áreas naturais amplas e conectadas para se deslocar, encontrar alimento, reproduzir-se e manter populações geneticamente viáveis. Desmatamento, estradas e expansão urbana ou agropecuária podem fragmentar habitats e tornar esses deslocamentos mais difíceis e perigosos.

A restauração de áreas degradadas e a manutenção de **corredores ecológicos** conectam fragmentos de vegetação e favorecem a circulação da fauna. Proteger a onça significa também conservar florestas, rios, presas naturais e uma rede mais ampla de biodiversidade. A onça não “refloresta” diretamente uma área: reflorestamento depende de ações humanas e processos ecológicos. Como predador de topo, ela pode contribuir indiretamente para o equilíbrio ecológico.

40. Mapa de conectividade. Em cartolina, os grupos recebem “ilhas” de mata separadas por áreas urbanas, estradas e pastagens. Desenham corredores de vegetação, passagens de fauna, áreas de proteção de rios e soluções para reduzir atropelamentos.

41. Cadeia alimentar e espécie guarda-chuva. Em Biologia, a turma monta uma teia alimentar e discute o papel de predadores de topo.

42. Campanha “O caminho da onça”. Criação de cartazes, vídeos ou carrosséis sobre proteção de habitat, restauração de vegetação nativa, redução de conflitos com fauna, combate ao desmatamento e corredores ecológicos.

43. Redação de intervenção. Tema: “Como conciliar desenvolvimento regional, restauração ambiental e circulação segura da fauna em paisagens brasileiras fragmentadas?”

Abordagem ética e temas sensíveis

A narrativa inclui conflitos familiares, álcool, violência e sofrimento psíquico. As atividades devem privilegiar acolhimento e escuta, sem pedir que alunos revelem experiências pessoais nem façam diagnósticos sobre o personagem. Quando necessário, a escola deve envolver orientação educacional, psicologia escolar ou profissionais habilitados.

Culminância: Mostra Entre Dois Mundos

A escola pode finalizar o projeto com uma mostra aberta à comunidade: mapas de povos e biomas, linha do tempo de direitos indígenas, projetos de rios e agrofloresta, dossiê Serra do Cipó, mapas da Cordilheira do Espinhaço, linha do tempo de Luzia e Lagoa Santa, mapas de corredores ecológicos, zines, podcasts, cartas dos personagens, apresentações de debate e planos de aventura responsável. O evento pode incluir conversa com o autor e sessão de autógrafos.

Proposta de parceria com a escola

Leitura orientada: aquisição de exemplares para uma turma, roteiro de discussão e encontro on-line com o autor.

Projeto interdisciplinar: exemplares para duas ou mais turmas, apoio pedagógico e palestra/conversa com estudantes.

Semana literária: participação do autor em palestra, oficina sobre escrita, natureza e escalada, mais sessão de autógrafos.

As condições comerciais, quantidade de exemplares, formato do encontro e logística podem ser definidos em conjunto com a coordenação pedagógica.

Sobre o autor

Rodolfo Andrade nasceu em 1990. Formou-se em Odontologia, mas atua como empresário nos ramos esportivo, turístico e gastronômico. É professor de escalada esportiva e sound healer. A natureza, a experiência em esportes radicais e a convivência com povos originários transformaram sua trajetória e inspiram sua escrita. *Manu: Entre Dois Mundos* é seu primeiro livro.

Ficha técnica

Título	Manu: Entre Dois Mundos
	Rodolfo Andrade
Editora	Format Editora
	Romance juvenil / ficção de formação
Público	Jovens de 14 a 22 anos
	176
ISBN	978-65-984264-9-1
	R\$ 69,90

Contato

Rodolfo Andrade

Telefone/WhatsApp: (11) 99990-7516

E-mail: rodolfofmandrade@gmail.com

Instagram: [@roca.ycs](#) • [@voandoentremundos](#)

Editora: Format Editora

Disponível em: Format Livraria, Amazon, Mercado Livre, Livraria Loyola e Drummond Livraria.